

PRODUÇÃO E LONGEVIDADE DE ESPÉCIES FORRAGEIRAS DE INVERNO NA REGIÃO SUL CAPIXABA

Juliana Jaccoud Machado¹, Laiz Racanelli Cordeiro¹, Roberta Mendes Vianna¹, Marcelo Suzart de Almeida¹, Marcos Vinicius Coraspe Amaral¹.

¹Universidade Federal do Espírito Santo/Departamento de Zootecnia, julianajaccoud@hotmail.com.

Resumo: O experimento foi conduzido na área experimental do CCAUFES, localizada em Alegre – ES, com o objetivo de avaliar o desempenho das espécies forrageira de inverno, aveia preta comum, aveia preta IAPAR 61, aveia preta EMBRAPA 29, aveia branca IPR 126, centeio forrageiro IPR 89 e azevém comum, na região Sul capixaba. A área foi subdividida em 24 parcelas experimentais com área útil de 2,4 m². O modelo estatístico adotado foi delineamento inteiramente casualizado, com quatro repetições e sete tratamentos, sendo que durante o período experimental foram realizados dois cortes das forrageiras. Não houve diferença significativa entre os tratamentos no que se diz respeito à produção total e a produção ao primeiro corte, entretanto, no segundo corte, o Centeio e o Azevém, se mostraram significativamente mais produtivos em relação às aveias. Isto mostra que estas duas espécies têm um crescimento mais tardio o que poderá ser utilizado como estratégia de manejo através da combinação destas com espécies mais

Palavras-chave: aveia, azevém, centeio, produção forrageira, pastagem de inverno.

Área do Conhecimento: Zootecnia

Introdução

No inverno em que as pastagens tropicais deixam de produzir forragem suficiente para atender a demanda dos animais, proporcionando baixas lotações, período este em que a pecuária encontra-se em déficit produtivo devido à baixa produtividade das forrageiras, por isso a pastagem é um fator que pode determinar modificações na eficiência do processo produtivo. O cultivo de plantas forrageiras de inverno é uma alternativa para solucionar esse problema. Uma das vantagens na utilização de pastos de inverno é a sua superioridade em relação às forragens tropicais, na produção de matéria seca. Além disso, a qualidade dos pastos de inverno é maior devido a melhor digestibilidade atribuída à anatomia dessas plantas, principalmente das folhas que são mais facilmente degradadas no rúmen em relação às folhas de forrageiras tropicais.

Assim, espécies utilizadas na formação de pastos de inverno como aveia, centeio, azevém e outras, constituem excelente recurso forrageiro para alimentação animal. Seu cultivo deve ser incentivado na pecuária devido ao seu alto valor nutritivo, principalmente seu teor protéico e digestibilidade de sua matéria seca, fazendo com que os pastos de inverno possam contribuir como suplementação volumosa alternativa no período de escassez do ano, permitindo uma sustentação do sistema produtivo do Sul do Espírito Santo.

O objetivo com esse trabalho foi avaliar o desempenho das espécies forrageiras de inverno na região Sul Capixaba.

Metodologia

O experimento foi implantado na área experimental do Centro Ciências Agrárias da Universidade Federal do Espírito Santo, localizada em Rive, no município de Alegre – ES, durante os meses de maio a setembro de 2006.

Coordenadas da região, latitude 20°45", longitude 41°29" e altitude 138m (fonte:INMET/CCA-UFES).

As amostras de solos da área experimental foram coletadas na camada de 0 - 20 cm e em seguida, de acordo com análise de solo e exigências das forrageiras foi realizada a calagem, dias antes do plantio, com a aplicação de 1600 kg/ha de calcário dolomítico e incorporado mediante a gradagem. No plantio, foram aplicados a lanço 320 kg/ha da fórmula 4 - 14 - 8.

A área foi subdividida em 24 parcelas experimentais com área útil de 2,4 m², excluindo-se, no momento da avaliação, 0,5 m de cada lado, para eliminar o efeito de bordadura. O plantio das sementes, das espécies forrageiras de inverno, foi realizado em maio de 2006, por meio de semeadura manual, em nove linhas por parcela espaçadas de 0,20 m.

Os cortes foram realizados manualmente, a 10 cm do nível do solo, quando as plantas atingiram aproximadamente 30 a 35 cm de altura, sendo último corte foi realizado quando 50 % das plantas estavam das no estágio de emborrachamento. Após cada corte realizou-se a adubação de cobertura com 20 kg de N/ha.

As amostras foram acondicionadas em sacolas plásticas devidamente pesadas e encaminhadas para o Laboratório de Nutrição

Animal do Centro de Ciências Agrárias da Universidade Federal do Espírito Santo.

Os teores de matéria seca foram determinados seguindo a metodologia Silva e Queiroz (2002), as amostras foram secadas em estufa com circulação forçada de ar a 65°C, durante 72 horas, moídas e submetidas à secagem definitiva em estufa a 105°C por 8 horas.

O modelo estatístico adotado foi delineamento inteiramente casualizado, com quatro repetições e sete tratamentos. Os tratamentos foram: Aveia preta comum, Aveia preta IAPAR 61, Aveia preta EMBRAPA 29, Aveia branca IPR 126, Centeio forrageiro IPR 89 e Azevém comum.

Resultados

Os resultados de produção das forrageiras de inverno estão apresentados na Figura 1. Essas variáveis demonstram não existir diferença ($P < 0,10$) entre as forrageiras no primeiro corte e no total.

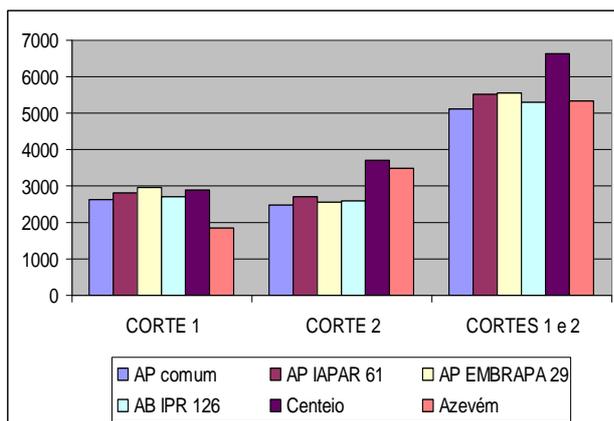


Figura 2 – Produção de Matéria Seca (kg/ha) das espécies forrageiras de inverno, Aveia Preta comum, Aveia Preta IAPAR 61, Aveia Preta EMBRAPA 29, Aveia Branca IPR 126, Centeio forrageiro IPR 89 e Azevém, em dois cortes durante o período de maio a setembro de 2006 em Alegre-ES.

Discussão

As espécies forrageiras de inverno se mostraram com crescimento satisfatório até início da primavera, como normalmente ocorre na região sul do País. Os valores de produção de Matéria Seca foram um pouco aquém dos apresentados por Godoy e Batista (1989), o que se justifica devido ao plantio ter sido feito em maio e não em abril como nas regiões citadas. Não houve diferença significativa entre os tratamentos no que se diz respeito à produção total e a produção ao primeiro corte, entretanto, no segundo corte, o

Centeio e o Azevém, se mostraram significativamente ($P < 0,10$) mais produtivos em relação às aveias. Isto mostra que estas duas espécies têm um crescimento mais tardio o que poderá ser utilizado como estratégia de manejo através da combinação destas com espécies mais precoces e assim obter maiores produções ao longo do período de crescimento no inverno.

A produção dessas forrageiras em outras regiões mais comuns para o seu cultivo, principalmente no Rio Grande do Sul, Santa Catarina e Paraná apresenta-se elevada, porém na região sul Capixaba o resultado de produção foi menor. Provavelmente, isso ocorreu por influência de variáveis ambientais e época de plantio tardio.

No Brasil, Godoy e Batista (1989), visando à implantação da cultura de aveia, sob irrigação, na região de São Carlos (SP), obtiveram um registro de produção de matéria seca variando entre 6828 e 8802 t MS/ha. A aveia, apesar de ser uma gramínea anual de clima temperado, tem se adaptado bem em regiões tropicais, sendo mais indicada para altitudes de 1000 a 3000 m (FLOSS, 1988).

A região sul capixaba apresenta altitudes abaixo de 1000 m e, conseqüentemente possui temperatura mais elevadas que aquelas indicadas para o desenvolvimento da aveia.

O azevém por ser também uma espécie adaptada a temperaturas mais baixas em climas mesotérmicos (não resiste ao calor de verão de climas tropicais), nos quais se desenvolve somente durante o inverno e a primavera. Estas florescem e frutificam em abundância, desenvolvem-se relativamente em qualquer tipo de solo, mas prefere os argilosos, férteis e úmidos para proporcionar grandes rendimentos. Resiste bem à umidade excessiva e à acidez, visto isso, no caso do azevém o fator de maior limitação é, provavelmente, a temperatura.

O centeio destaca-se pela rusticidade e capacidade de adaptação em condições de ambiente menos favoráveis. Porém, o seu cultivo no país ainda está muito aquém das suas potencialidades, já que ainda existem poucos estudos em relação a sua adaptação, acredita-se que seu crescimento e melhor desempenho estejam na região Sul do país, pois apresentam condições climáticas ao crescimento do centeio, além de ser a região que apresenta o que já vem plantando essa forrageira (CUNHA, 2006).

Conclusão

As forrageiras de inverno utilizadas neste estudo são alternativas potenciais para suplementação dos animais durante o período seco e frio do ano.

Referências

- CORSI, M.; PEDROSO, V. Forragens de inverno. In: Volumosos para bovinos. São Paulo. FEALQ, vol 5, 1995.
- CUNHA, G.R. Cultivo de Centeio. Embrapa trigo. Sistema de Produção, 2 Ed, 2006.
- FLOSS, E.L. Aveia. In: Baier, E. L.; Floss, E. L.; Aude, M. L. S. As lavouras de inverno. Rio de Janeiro: Ed. Globo, p. 16-74. 1988.
- GODOY, R.; BATISTA L. A. R. Recomendação de cultivar de aveia forrageira para a região de São Carlos. In: Reunião Anual da Sociedade Brasileira de Zootecnia, 26., Porto Alegre, 1989. Anais. Porto Alegre, SBZ, p.35,1989.
- PAULINO, V. T. Potencialidade de Pastagens Tropicais Para Produção Animal. In: Simpósio de Produção Animal a Pasto no Norte Pioneiro, 2004
- ZANETTI, M. A.; RESENDE, J. M. L. et al. Desempenho de Novilhos Consumindo Suplemento Mineral Proteinado Convencional ou com Uréia. R. Bras. Zootec, vol. 29 n°. 3., Viçosa, 2000.